



ERNAUX, ANNIE. O ACONTECIMENTO.

TRADUÇÃO ISADORA DE ARAÚJO PONTES
EDITORA FÓSFORO, SÃO PAULO, 2022, 80 P.

Nilza Menezes*

Recentemente lançado no Brasil, pela Editora Fósforo, com tradução de *Isadora de Araújo Pontes*, o livro *O Acontecimento*, é uma autobiografia da escritora e professora francesa Annie Ernaux, publicado na França no ano de 2000. É uma leitura essencial para pensarmos sobre o aborto, e nos riscos e violências sofridos pelas mulheres, pois ainda hoje no Brasil, esse é um tema polêmico e presente nas pautas do movimento de mulheres e dos estudos de gênero.

O Acontecimento, trata da gravidez de uma estudante de 23 anos e sua luta pelo direito de fazer o aborto e todo enfrentamento a que se submete diante das leis, dos confrontos pessoais e rupturas sociais e religiosas.

A escrita é construída a partir das suas memórias e das anotações em seu diário, no qual registra a sua experiência solitária na realização clandestina de um aborto num tempo impregnado do falso moralismo francês. Suas reflexões passam pelos imperativos das leis, tratam da condição feminina e também de religião.

Questões com relação aos direitos reprodutivos e o direito das mulheres sobre seus corpos, o direito e a obrigação de decidirem e assumirem sozinhas a maternidade e a interrupção da gravidez, vão se apresentando no texto em deliciosa escrita de forma autobiográfica,

* Doutora em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo – UMESP. Graduada em História Pela Universidade Federal de Rondônia. Pós Doutora em Ciências das Religiões pelo programa de Pós-graduação da Universidade Federal da Paraíba - UFPB. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Raízes, do Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões da UFPB. Pesquisadora do Mandrágora|Netmal, do programa de Pós-graduação da UMESP.
E-mail: nilzamenezes@hotmail.com .



que, no entanto, nos situa na temporalidade da França dos anos 1960, mostrando a condição feminina e a luta das mulheres pelo direito ao aborto, trazendo descrições dos lugares, do mundo acadêmico, da arte e das relações afetivas.

A leitura, por sua característica intimista, trata de sentimentos que nunca são ditos de forma clara, mas que vivemos e sabemos, e que resultam em marcas profundas em razão das construções sociais a respeito da maternidade, e da responsabilidade sobre a decisão pelo aborto. Como ela mesma afirma:

Há muitos anos estou às voltas com esse acontecimento da minha vida. Ler o relato de um aborto em um romance me arreata, num sobressalto sem imagens nem pensamentos, como se as palavras se transformassem instantaneamente em sensação violenta. Da mesma forma quando ouço por acaso “La javanaise” “J’ai la mémoire qui flanche”, ou qualquer outra música que me acompanhou nesse período, fico perturbada (p. 15).

As amarras sociais e toda uma construção sobre o aborto acabam por causar um desconforto. O julgamento recai sobre as mulheres, e geralmente é mais pesado para algumas, em decorrência da sua classe social, da sua condição econômica e cultural:

Eu estabelecia confusamente uma ligação entre minha classe social de origem e o que estava acontecendo comigo. A primeira a fazer um curso superior numa família operária e de pequenos comerciantes, eu tinha escapado da fábrica e do balcão. Mas nem o vestibular nem a graduação em letras puderam alterar a fatalidade da transmissão de uma pobreza da qual a filha grávida era, da mesma forma que o alcoólatra, o emblema. Eu estava ferrada, e o que crescia dentro de mim era, de certa maneira, o fracasso social (p. 21).

A questão religiosa é apresentada pela autora, que demonstra as angústias causadoras de desconfortos e sofrimentos, que são entrelaçadas por essa experiência, pela estrutura do Estado e pelas condições sociais:

Numa outra tarde, entrei em uma igreja, Saint-Patrice, perto do boulevard de la Marne, para dizer ao padre que eu tinha abortado.



Logo em seguida, me dei conta do meu erro. Eu me sentia na luz e para ele eu estava no crime. Ao sair, soube que o tempo da religião tinha acabado para mim (p. 68).

O texto autobiográfico apresentado por Annie Ernaux, acaba por ser um excelente material para pensarmos sobre o aborto e todas as questões que implicam o fazer e o não fazer, e como isso pode ser digerido pelas mulheres até os dias atuais.

Ao final, ela observa o objetivo do livro:

E o verdadeiro objetivo da minha vida talvez seja apenas este: que meu corpo, minhas sensações e meus pensamentos se tornem escrita, isto é, algo inteligível e geral, minha existência completamente dissolvida na cabeça e na vida dos outros. (p. 71).

O texto é construído da memória emocional, das sensações, registros do diário, contextualizando acontecimentos históricos, sociais, colocando o corpo e as emoções dentro da escrita construída da sua vivência que a autora justifica como necessário, em razão da importância da sua experiência pessoal possibilitar contribuir com a realidade das mulheres para contrapor com a dominação masculina no mundo. A escrita nos traz imagens importantes para pensarmos sobre questões de gênero que ainda causam dor e violência nas mulheres de diversas classes sociais e pertencas religiosas.

O aborto, ainda é um tema polêmico para a religião, para a política e para a legislação, sendo em diversos países, inclusive no Brasil, considerado ilegal, permitido apenas em decorrência de estupro, em grave risco à vida da mãe ou em caso de feto anencéfalo. Por isso, a leitura de *O Acontecimento*, de Annie Ernaux, se faz atual e necessária.